

Notícias de Guimarães

o 17.º N.º 834
 GUIMARÃES, 25 de Janeiro de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4318
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Águas passadas...

A minha "questão social,"
 maltratada às mãos dos Caixeiros

1904. Meu prematuro ensaio oratório. Falar é semear. Disser-tei sobre sistemas políticos. Aludi a credos religiosos. Proferi os vocábulos tronitroantes de República, Socialismo, Anarquismo. Tudo isto, qual *maionese* de lagosta, com o molho picante deste título bombástico—A QUESTÃO SOCIAL.

Que sabia eu, neófito das letras, para ousar prelecionar sobre coisas tão... transcendentas?

Moço que era, não media o alto e profundo do problema sociológico. Esgrimir ideias, tem, porém, uma sedução tal para a mocidade, que, quanto mais irritam o burguês, tanto mais lhe sacrificamos a mente e o braço—lutando! Ainda ideias mal sasonadas, mal delidadas pelo estudo; mas porque traziam consigo uma ilusão, isso bastava para que fossemos seu prosélito apaixonado.

Politicamente, assentava praça, soldado raso, no batalhão da República.

Insensato, o que fizeste!...

Foi na Associação dos Caixeiros onde eu, novel *Cavaleiro da Triste Figura*, ousei proferir uma oração de índole revolucionária. Pouco tempo depois, colhia-lhe os frutos. Por A e mais B, eu tornei-me sócio indesejável. Perigoso para a existência da própria instituição. O libelo era quase só consubstanciada nesta acusação tremenda:

—E' revolucionário!...

Com efeito, eu usava, à época, uma *lavalier*. O empavante laço preto, era uma segura prova do meu mirabolante espírito de Revolução. Tomado como um símbolo da falange vermelha, semelhante gravata—denunciava, comprometia. Nada mais era preciso para um libelo acusatório.

Quanto a outras razões de pormenor, não foi isso difícil. Sempre no seio de uma comunidade medraram os inferiores. Também no meu caso não faltaria quem puxasse pela corda. Deliberado que eu expiasse o atrevimento de apregoar ideias onde tudo era convencional e conservantista, inútil seria fugir com o peçoço ao garrote.

Tentou-se, contra a lei estatutária, operar o golpe, à sur-

Prof. José de Pina

Faz anos no próximo dia 29 este nosso querido amigo e prestimoso vimaranesense, figura veneranda a quem muito respeitamos e estimamos.

José de Pina, que tem levado uma vida inteira a pugnar pelo engrandecimento da sua e nossa Terra, tornou-se, de há muito, um exemplo vivo de dedicação, muito lhe devendo a Cidade, que sempre tem encontrado no ilustre Professor um elemento prestigioso de trabalho e símbolo de abnegação.

E' longa e brilhante a sua folha de serviços prestados a Guimarães. Professor e Artista distinto, ele tem sido nas Corporações Culturais, Religiosas e Cívicas e na benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários, Alguém, cuja obra através de muitos anos de cansado trabalho se pode bem classificar de notável.

Ao Mestre e ao Amigo queremos prestar esta singela homenagem e ao cumprimentá-lo fazemos votos pela continuação da sua preciosa existência.

relfa. Nem processo, nem aviso. Contudo, a prática deste cometimento chegou até a mim. Fui à barra. Agitando, qual clava de Hércules, em uma das mãos a lei escrita, exigi formação de culpa. Um momento de excitação; de perplexidade. Até que, a grande acusação—o meu pecado original—estalou no ar:

—E' revolucionário!...

Em verdade, a minha *lavalier*, denunciava-o. Inútil seria negá-lo. E, para que não fosse irradiado, empurrado, eu que tudo havia previsto, tomei meia folha de papel, traçando nela—talvez nervosamente—o meu pedido de demissão.

Caiu o pano. No momento, porém, para que nada faltasse à cena, dois grupos, desentendidos, chocaram-se lá dentro na sala das sessões. Feito o apuramento desta refrega, *inter-sócios*, algumas vítimas houve a lastimar: as pernas, costas e braços... das cadeiras.

Para que esta ocorrência avultasse na história política da terra, apenas lhe faltou o cronista. E assim se deixou perder para os fastos mais notáveis da minha borbulha política, uma página tão movimentada.

Foi pena!

Longa—Tabuço.

A. L. de Carvalho.

Dois Poemas

do tempo presente

I—EQUAÇÃO

A distância em que me encontra a tua presença, cinde-a a paisagem do meu sonho. O que serás alíndea a minha esperança em ti. O que fôr ser a Índia.

II—TEOREMA

Deixemos de ir onde fôrmos. A tua ternura guinde-a o meu sonho. A esperança que é nossa, finde-a sempre o meu amor em ti, onde em tudo eu vejo a Índia.

Lisboa, 1948.

CORREIA DA COSTA.

Dr. Nuno Simões

No próximo dia 30 passa o aniversário natalício do distinto Escritor e Economista, Sr. Doutor Nuno Simões, um nome que o País inteiro conhece e aprecia, dados os seus altos predicados de inteligência e impoluto carácter.

O Doutor Nuno Simões, minhoto muito ilustre, tendo passado pelos bancos do nosso Liceu, aqui soube conquistar, desde então, as melhores simpatias, as maiores amizades.

Notícias de Guimarães que conta Sua Ex.^a no número dos seus melhores amigos, saúda-o calorosamente ao aproximar-se a data do seu aniversário natalício, prestando-lhe a homenagem da sua muita admiração e alto apreço—a admiração e o apreço que devem merecer-nos as figuras prestigiosas como o Doutor Nuno Simões.

Sombras da Cidade...

O Casarão

Há pouco tempo ainda, quando num esforço formidável todo o povo de Guimarães se uniu para enfrentar com todo o optimismo a reconstrução da Praça de Toiros, que um misterioso e medonho incêndio reduzira a cinzas em poucos minutos de uma hora, foi a nossa terra cognominada de Nova América.

Foi feliz a definição, pois, efectivamente, só uma grande nação eclética como é o país dos dólares poderia ter em seu seio organização e força capaz para em pouco mais de 3 dias e meio anular a desgraça que o fogo causara, proeza obtida pelos vimaraneses que assim demonstraram, mais uma vez, o poder do seu bairrismo e do seu valor, quando os seus brios estão em foco.

Guimarães, Nova América! A propósito desta designação, proferida por toda a parte, um outro pormenor nos ocorre e que, sem o seu lado real, podia ainda mais reforçar aquele epíteto.

Realmente, quem souber que no seio da cidade, na rua mais tipicamente ligada ao passado do burgo vimaranesense, há uma casa onde cohabitam 94 pessoas, com certeza não deixará de considerar esse edifício um autêntico arranha-céus, verdadeiramente norte-americano! Mas, apreciado à luz da realidade, depara-se com um dos maiores quadros de miséria que se possa imaginar.

E' uma casa verdadeiramente inhospita, com os moradores em completo mau estar.

Famílias inteiras vivem em promiscuidade condenável, não havendo possibilidade de evitarem esse perigo altamente imoral, por absoluta carência de espaço mais amplo onde possam viver e que não podem alugar porque o senhorio prefere ter vagos quartos um pouco maiores, a arrendá-los por menos de duzentos escudos por mês.

No rés-do-chão, há moradores que têm por pavimento o lajeado, húmido, escorregadio, por onde correm livremente as águas pluviais e escorros das fossas.

Num cubículo onde mal cabe uma cama e uma caixa vivem em comum três irmãos que têm de pagar por essa poçilga, sem ar nem luz, sessenta escudos por mês.

Em outros quartos, onde mal cabem duas camas, vivem 7 e 10 pessoas, de ambos os sexos, e ali cosinham, comem, dormem e até têm galinhas! Resumindo: no rés-do-chão vivem 6 famílias, num total de 20 pessoas; no primeiro andar, 5 famílias, com vinte pessoas; no segundo andar, 4 famílias, com vinte pessoas; no terceiro andar ou sótão, 5 famílias, com 25 pessoas.

Total: 94 pessoas numa casa que tem cerca de 200 metros quadrados, por 10 metros de alto!

Faça-se idéia do que será o viver de toda essa gente, onde as doenças se desenvolvem medonhamente, as pessoas se atrofiam por falta de ar e de luz e a moral se ofende por dificuldades de recato.

A juntar a tudo isto imaginem-se fossas que há mais de dois anos não são limpas, lixeiras que se amontoam, constantemente invadindo os próprios terrenos vizinhos e farse-á ideia do que será o viver desse formigueiro de gente e de quanto incómodas serão as emanações de tanto lixo e tão miseráveis acondicionamentos.

Eis aqui a realidade deste quadro desolador, que clama providências de quem de direito.

Faça-se uma rigorosa inspecção a esse foco de miséria e, por certo, o *casarão de Santa Maria*, como já é conhecido, deixará de ser uma sombra da cidade...

Dr. António de Castro Xavier Monteiro

De Salamanca, a cuja Universidade foi prestar provas de doutoramento, regressou o Sr. Dr. António de Castro Xavier Monteiro, distinto professor do Seminário Conciliar da Diocese.

O ilustre sacerdote, que fez um curso distinto, mereceu aos lentes da faculdade de teologia as melhores referências, e as últimas provas foram a coroa dum trabalho, que lhe trouxe, ao longo da sua vida de estudante, os mais legítimos e bem merecidos louros.

A tese, que estuda um dos nossos teólogos, será publicada em breve, constituindo, segundo nos informam, um notável trabalho.

Apresentamos os nossos cumprimentos ao distinto sacerdote.

"Os Dois Marçanos,"

do Inesquecível Vimaranesense

PADRE GASPAR RORIZ

Vão à gena no nosso Teatro

Os briosos empregados do Comércio que tiveram sempre no saudoso Padre Gaspar Roriz um grande Amigo, vão levar à cena, dentro de semanas e no nosso Teatro Jordão, a peça que a geração nova não conhece, intitulada «Os Dois Marçanos», a que está reservado grande sucesso.

Os ensaios, sob a competente direcção do nosso prezado amigo e distinto Colaborador, Sr. Luis Filipe Coelho, prosseguem com muito entusiasmo, havendo já, também, numerosos pedidos de bilhetes para os dois projectados espectáculos, cujo produto reverte a favor dos pobres da cidade, o que representa uma iniciativa feliz dos Empregados do C. de Guimarães.

Guarda-livros

Ainda empregado, muito competente, deseja colocar-se em casa de grande movimento.

Resposta à redacção ao número 696.

CONTRASTES!...

O dever da gratidão

Há pessoas para as quais o dever da gratidão é coisa que não existe e que, portanto, não faz parte das suas obrigações perante quem, por qualquer motivo, se torna digno de ser compensado com esse dever. Em nossa opinião, as pessoas que assim procedem cometem uma falta e ao mesmo tempo praticam um acto impróprio dos bons sentimentos e das boas qualidades que constituem a pureza e a integridade de carácter de qualquer ser humano, desde o mais humilde ao de mais elevada categoria social. A gratidão é, pois, uma manifestação de sincero reconhecimento a quem se torna crêdor dela, razão por que o não cumprimento desse dever é, como acima dizemos, uma falta imperdoável. Como se pode compreender, por exemplo, que a um Beneficor não seja dispensada a gratidão a quem tem jus, quer por parte de quem recebe o fruto das suas acções de benemerência, quer também por parte de quem deve sentir a consolação do bem que os outros espalham por tantos lares sem outro recheio que não seja o da angustiosa e torturante miséria! Porém—e com muito pesar o dizemos—há gente que podendo fazer muito em benefício da infelicidade do seu semelhante não faz nada e para agravar esse procedimento ainda se julga no direito de censurar quem não segue o seu exemplo, isto é, quem pratica actos de verdadeira humanidade, através dos quais muitos males se atenuam. Por isso, entre a vaidade de praticar a Caridade em larga escala e a *modéstia* de afeerrolhar a riqueza, apenas em proveito próprio, há uma diferença tão grande que de forma alguma uma se pode comparar à outra, visto no primeiro caso poder existir virtude e no segundo só existir crime. E por que assim o pensamos, não poderíamos deixar de fazer estas despretenciosas considerações acerca do artigo «O seu a seu dono!» publicado no último número do «Notícias» e da autoria do ilustre colaborador do mesmo Jornal, Sr. J. O. da Penha. De resto, a Justiça de Deus desagrarará as vítimas da injustiça dos homens!...

tuido, mas apenas por estranhar semelhante barulheira por baixo do seu famigerado arcaboço, julgando-se nesse momento uma dupla vítima da adversidade, pois que simplesmente está habituado a ouvir e a sentir o barulho do bárbaro chicote do seu *piadoso* condutor. Nessa ordem de ideias, limitou-se a ver-se livre daquela barafunda diabólica, embora muito lhe agradasse mudar de situação. Ora, se essa cena se tivesse passado no tempo em que os animais falavam, o caso seria digno de uma longa entrevista e, então, se saberia como é triste ser burro em tais condições!...

Chegaram as laranjas

Infelizmente, como de costume, já aparecem, em abundância, cascas de laranjas, nos passeios das ruas. Falamos de cascas de laranjas, como poderíamos falar das de tangerinas, de bananas, etc.. Embora se trate de um hábito herdado do passado, parecemos-nos conveniente que sobre ele sejam tomadas as devidas providências, a fim de que os transeuntes não sejam vítimas desse mau hábito ou costume. A vida de qualquer pessoa não pode sofrer as consequências de uma demasiada tolerância e bastará isso para que seja reprimido, com severidade, o abuso de que falamos. Nunca confiar de mais no adágio que diz: «*Escorregar não é cair*».

FARPAS

Foi no domingo passado: Seguiu o Burro atrelado A' carroça do Correio E apanhou tal encontro Que abalou o coração E partiu o frágil freio!

Uma Moto, no Tournal, Embateu com o animal E... ficou a trabalhar! O pobre Burro sem sorte Sentindo bem perto a morte Não parava de zurrar!

Ouçamos, neste momento, O que o Burro lazarento Que tanto susto apanhou, Trémulo, ainda com medo, Disse, pedindo segredo, A quem o entrevistou:

«...Nunca nesta dura vida, Cansou-me, dolorida, De correr para a Estação, Eu senti tanto barulho Por debaixo do bandalho E tanta trepidação!

Reuni a pouca gana Que tenho e à carripana Lancei-me como um danado! Tantos couces lhe atirei Que dela me separei Sentindo-me aliviado!...

Nessa Praça, toda a gente Que isto viu, ficou contente E em franca gargalhada! Até eu—o mundo engana— Julguei que esta carripana Já estava motorizada!!!

Mas o que é bom pouco dura! Voltei à triste amargura De puxar este nojento... Fazer toda a minha vida Ziguezagues na Avenida, Ao sol, à chuva e ao vento!

Tenho agora de pensar Na maneira de acabar Com esta relea *carrota*... Fazer-me mau e manhoso. Muito atrevido e... raivoso *Beljar* uma caminheta!

Bem sei que posso morrer Mas não quero mais sofrer O peso, a dor e... a guerra! Dito isto, ficou calado O Burro mais desgraçado Desta minha nobre terra.

Damos.

Impressões da Penha

Aos amigos Justino Carvalho e Abel Saiter

Estive no princípio da outra semana em Guimarães juntamente com um amigo meu de Amarante. De tarde, depois duma atenta e demorada visita ao Museu Martins Sarmiento, graças a um vimaranense — o senhor Justino Carvalho — duma gentileza e trato extraordinários, fomos até ao alto da Penha.

Confesso-vos leitor que não tenho palavras com que possa descrever a sensação que tive ao chegar ao alto, quando o automóvel nos depôs junto da estátua do Papa Pio IX!

A emoção é forte e prendeu-me todo o raciocínio.

Nem há palavras com que se possa transmitir tudo quanto vai dentro da nossa alma e nos fere a nossa sensibilidade. Do alto, junto àquelas escarpas agrestes, junto àqueles penedos a cavaleiras uns sobre os outros a quererem-se despenhar por lá baixo cansados da posição incómoda em que a Natureza os colocou, a vista alcança quilómetros dum panorama surpreendente e difícil de encontrar.

Vê-se lá longe a pequenina e graciosa vila de Fafe; a torre de Santa Quitéria a marcar-nos terras de Margaride, erguida no monte onde todos os anos se faz a romaria de S. Pedro. Mais no cimo, e noutra direcção, as cúpulas do Sameiro a indicar-nos terras de Braga. E sobre a poesia do vale as grimpas altas e brancas de S. Torcato.

Depois fere-nos a vista os tons verdes dos campos alagados pela chuva que caíra na véspera junto com os verdes mais verdes dos pinheiros e das árvores.

E longe, um penacho longo de fumo marca-nos o caminho do combóio. Depois os olhos pousam na cidade. Os rolos de fumo negro que sobem para o ar, vomitados por chaminés vermelhas, mostram-nos uma cidade de trabalho e que dele sabe viver honradamente. A branca Praça de Toiros dá uma lição a todo o Portugal e ao mundo inteiro de quanto é capaz o bairrismo e o orgulho deste bom povo de Guimarães.

Mas não admira: foi daqui que saiu Portugal!

E perto, o Campo de Futebol, onde na véspera vimos perder ingloriamente o seu grupo ante o «Porto», que num momento de sorte conseguiu marcar, não que tivesse jogado melhor, antes pelo contrário...

E a velha fortaleza de D. Afonso Henriques, imensa mole de pedra com as suas ameias e suas torres lá está no fundo

Eng.º Filipe Paiva Brandão

Foi nomeado professor assistente da Faculdade de Engenharia do Porto o Sr. Eng.º Filipe de Paiva de Castelbranco de Faria Leite Brandão. O Sr. Eng.º Filipe de Paiva, que recebeu, também, o prémio da Câmara Municipal do Porto pelas classificações obtidas durante o seu brilhante curso, tomou já posse e entrou no exercício das suas funções de professor.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Dr. José Francisco dos Santos

Foi nomeado Inspector do Ensino Lical o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, distinto Professor do Liceu de Martins Sarmiento, que no próximo ano lectivo entrará em exercício no Liceu D. Manuel II, no Porto.

Exposição de Pintura

Na Sala da Junta de Turismo inaugurou a sua exposição de pintura o Artista Pais Mamede, tendo sido muito apreciados os seus trabalhos.

a coroar a cidade, o seu ex-libris e de que ela tanto se orgulha.

Depois os dois nossos solícitos guias conduzem-nos por entre os penedos, descendo e subindo escadinhas abertas entre eles.

Vamos ao monumento aos aviadores; à gruta de Nossa Senhora, onde bebemos da saborosíssima água que junto dela nasce; admirámos a frontaria exterior do templo que os vimaranenses fazem levantar pouco a pouco. Visitámos o penedo do sino onde se vêem as marcas daqueles que têm experimentado ouvir o som.

Tudo isto percorremos calados, embevecidos na paisagem doce dessa tarde de Janeiro, pois não há palavras que possam dizer do encanto da paisagem e da natureza ruda e impressionante da Penha.

A profundidade da paisagem; a mudez das coisas que cobrem a Penha destrambelharam-nos as ideias e não nos deixam dizer nada.

E a convidarmos a um fim de semana saudável longe da terra e dos homens e mais perto do céu, lá estão o Hotel e a Pensão.

Fica aqui nesta crónica o que de momento podemos dizer da nossa visita à Penha.

Mais se nos oferecia dizer mas a falta de tempo não nos deixa. Mas prometemos outra quando dispuzermos de mais tempo para uma próxima visita e estadia de dias na Penha...

Amarante, 15 - Janeiro - 48.
Fernando Soares.

O Rotary Clube de Guimarães iniciou a sua actividade

numa brilhante Jornada, a que vieram assistir numerosas individualidades de vários pontos do País.

Surgiu, finalmente, ao cabo de muitos trabalhos e de uma persistência tenaz, o Clube Rotário de Guimarães, que conta já cerca de 40 sócios e que fez a sua inauguração solene no passado dia 17, no elegante salão do Restaurante do Teatro Jordão, onde se reuniram, na noite daquele dia, muitas individualidades de diversos pontos do país — de Lisboa, Setúbal, Porto, Viana do Castelo, Vizeu, Braga, Figueira da Foz, etc. — que aqui se deslocaram propositadamente para aquele fim.

Preside ao novo Clube o distinto Advogado Sr. Dr. Eduardo de Mascarenhas, sendo respectivamente Secretário e Tesoureiro os Srs. Leandro Martins Ribeiro e Dr. José da Conceição Gonçalves.

A sessão inaugural do Clube que inicia a sua meritória actividade sob os melhores auspícios, decorreu com grande animação, num ambiente de franca solidariedade e de elevação de ideias — os ideais superiores do rotarismo fundados na paz, no entendimento leal entre todos os homens de boa vontade, no espírito de bem servir, na valia moral e profissional dos predicados de cada um.

Fizeram representar-se pelos seus presidentes e por numerosas delegações, quase todos os clubes do Continente, o que constitui, além do estímulo, um acto de camaradagem muito para louvar.

O ambiente era da mais franca confraternização e muitas senhoras, verdadeiramente encantadas, deram-lhe uma nota aliciente de colorido, de frescura, de irradiação sentimental, numa vibrante manifestação de profunda simpatia.

Entre escudos e flâmulas, sobrepujados pelas bandeiras de Portugal e de Guimarães, logo saudadas com fervor patriótico, no início da sessão, dentro dos princípios rotários, a primeira reunião do jovem Clube marcou bem pela presença dos sócios e pelas afirmações perentórias nela proferidas, a sua firme disposição de vencer todos os obstáculos e dar cabal realização ao programa, determinado pelos estatutos.

Presidiu o Sr. Eng. Ernesto Santos Bastos, Director do Rotary Internacional, que representava o Sr. Eng. Ermete Pires, impossibilitado de comparecer por doença.

A Mesa de honra era constituída pelos presidentes dos Clubes de Guimarães, Dr. Eduardo Mascarenhas; Porto, Eng. Carlos Lelo; Viana do Castelo, Elio de Vasconcelos; Braga, Dr. Manuel Monteiro; Setúbal, Dr. Gamito; Figueira da Foz, Prof. Raúl Martins; Vizeu, Prof. Jaime Ribeiro e Lisboa, Eng. Castilho, que usaram da palavra em termos vibrantes e com muita eloquência, para fazerem calorosas afirmações de fé rotária e apontarem as vantagens da existência dos Clubes Rotários.

Leu o expediente, do qual constavam telegramas e cartas de saudação e adesão, o Sr. Leandro Martins Ribeiro, secretário do Rotary Club de Guimarães, depois do que tomou a palavra o Sr. José Joaquim Gonçalves de Oliveira, do Porto, a cuja persistência se deve a criação do novo Clube, o qual expôs, com grande clareza, as primeiras diligências efectuadas para o êxito da sua iniciativa, logo abraçada com ardor por illustres vimaranenses, quase todos ali presentes.

No meio de prolongados aplausos, o Sr. José de Oliveira — o «padrinho» do Clube de Guimarães, fez votos pelas prosperidades crescentes da nova unidade rotária, desejando que ela

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Foram entregues nesta Instituição, durante o mês de Dezembro e até esta data, os seguintes donativos:

Da Sr.ª D. Ana Viamonte Figueira de Sousa e José Figueira de Sousa, 1.000.000; António Cândido de Sousa Carvalho, 500.000; Francisco da Silva Quintas, 2 volumes de cigarros; L. Oliveira & C.ª, 1 volume de cigarros; José da Costa Vaz Vieira, 40 alqueires de Batatas; António José Pereira de Lima, 2 peças de pano de lençóis; Fábrica de Cortumes de Roldes, Ld.ª, 500.000 e de um anónimo, 100\$.

A Tragédia do RIO AVE

NAS CALDAS DAS TAIPAS

Apareceu o cadáver da última vítima

Caldas das Taipas, 24. — Junto da ponte de Brito, na freguesia de Silveiras e num campo da Quinta de Requião, apareceu, ontem, o cadáver da última vítima da tragédia do rio Ave, o encarregado dos serviços de captação de águas, Manuel Fernandes Pereira, residente no concelho de Gondomar.

O infeliz foi atirado pela corrente do rio na noite passada para o citado campo, na margem esquerda do rio, e foi encontrado, pelas 7 horas da manhã de ontem, por um moço de azenha naquele local.

Por iniciativa da Câmara Municipal, o cadáver foi retirado para a capela do Cemitério de Guimarães, de onde seguiu para o concelho de Gondomar, terra da sua naturalidade.

O rio Ave continua volumoso, atribuindo-se à cheia de ante-ontem, uma das maiores dos últimos dias, o facto de o cadáver ter aparecido.

Dr. Fernando Pizarro de Almeida
ADVOCADO

ESCRITÓRIO:
Rua de Gil Vicente, 66
GUIMARÃES

Guarda-Livros

Oferece-se, novo, activo e habilitado para comércio ou indústria de razoável movimento, ou ajudante para grande empresa.

Dá todas as referências que sejam necessárias. 730

Atenção à 4.ª página

UM CONTO POR MÊS

Uma história

como tantas outras...

PARA CRIANÇAS ESCOLARES

Por ISAUARA CORREIA SANTOS.

O Manecas nasceu e passou a infância entre a grei, rasteirinha, de um pobríssimo bairro do Porto. Era vivo, ladino, e a sua linguagem era picante como a daquele grupo de analfabetos que o rodeava. Sentia-se feliz com a sua simples bola de trapos, os seus andrajos, e o caldo e borra que usualmente lhe matavam a fome. No seu espírito em botão, não se desenvolvera, ainda, o raciocínio que o levaria a natural ambição, ou a provável revolta, que agita todo o ser pensante ao atingir um certo grau de cultura ou compreensão. Sentia-se feliz, pois, mas mais feliz se sentia sempre que tivesse uma blusa nova, umas calças não rotas, e umas sapatilhas com que se pudesse apresentar onde houvesse policiamento... Mas jamais cismava na razão porque outros tinham bem mais conforto

do que jamais tivera ou viria a ter. Estava na fase em que da vida se não conhece o amargor da luta e da injustiça.

Quase simultaneamente, o Manecas ficou órfão de pai e mãe. Ninguém tinha no mundo além de uma tia, também pobre e habitante de um pardieiro sem ar puro e luz solar que fortificassem o corpo e a alma. Iria viver com ela? Não, aquele petiz, tão cheio de vivacidade, iria para um colégio onde iniciaria uma vida escolar que lhe desse um ridente futuro — assim decidiu o médico, grande altruista, que cuidara dos pais e, agora, disposto a pagar tudo que essa educação custasse. O Manecas entrou, pois, num colégio. Vin-se rodeado de gente muito diferente do seu meio. Os costumes eram outros, sem a menor semelhança com aqueles a que estava habituado. A princípio, mostrava-se triste como um cordeirinho deslocado entre uma manada. Mas, pouco a pouco, começou a interessar-se por tudo e por todos. Cada vez que pegava na escovinha dos dentes — aquela espécie de brinquedo — sorria e servia-se dela com prazer. «E aquela outra pequena escova para que servia?», perguntou a um colega.

«Para limpar as unhas!» — ilucidou-o. «Tem piada! Lembra-mos de cada uma!...» — exclamou, dardejando uma gargalhada tão fresca como um gorjejar matutino.

Perguntando, fazendo considerações e usando novos objectos, foi-se adaptando a uma nova vida. Adquiriu novos costumes. A sua linguagem picante foi-se modificando também. Estudou sempre com interesse e prazer — dotes prometedores acrescidos de uma facilidade de assimilação pouco vulgar entre os colegas. Como tinha tendência para música, aprendeu a tocar piano. Os anos passavam, e o bom estudante progredia de melhor para melhor. Mas... não há bem que sempre dure. Estava ele no sexto ano do liceo, agora como externo e na companhia do seu pai adoptivo, quando este morreu vítima de uma congestão cerebral. Chorou amargamente. Fôra o seu primeiro desgosto — e não duramente o sentia! Perdera um grande amigo e perdera, além disso, a possibilidade de tirar o curso em vista. Que fazer? Trabalharia e seria, agora, o amparo da viúva, sua mãe adoptiva, que ficara apenas com magra mensalidade de certa associação.

Cheio de esperança e boa vontade, o jovem Manuel começou a percorrer a cidade respondendo a todos os anúncios que pedissem empregados para lugares que julgava, poderia ocupar. Que habilitações tinha? — perguntavam-lhe.

«Sei um pouco de francês... um pouco de inglês... e... e...» — respondia, numa voz vacillante e trémula, e acrescentava para consigo: «E sei um pou-

co de música, mas isto não lhe interessa!».

Invariavelmente, Manuel ouvia a resposta: «Não é suficiente para o empregar. Não me serve.»

O desânimo apoderou-se do seu espírito à medida que as dificuldades de toda a espécie lhe vedavam a esperança e a alegria de viver. Quanto lhe custava estar à mercê dos escassos recursos da mãe adoptiva! Não, não devia continuar a ser-lhe pesado — pensava ele, amíde, e pouco comia a fim de diminuir as despesas da sua benfeitora.

Um dia, quando andava em busca de trabalho, sentiu-se cansado e sentou-se à beira do rio — não longe da sua antiga habitação.

Relembrou a sua meninice entre gente pobre e sem o menor polimento, e quase lamentou não ter lá passado a puerícia e adolescência... Pertenceria à mais baixa camada social do seu país... mas que importava? Se não tivesse adquirido hábitos de higiene e de pessoa civilizada, não se sentiria agora naquele desespero, naquele abismo, naquela impossibilidade, física e moral, de ganhar o pão como carregador, criado, engraxador, ou...

Assim pensava quando chegou ao pé dele um homem que o convidou a beber um copo de vinho a fim de o reanimar — pois, segundo a sua opinião, estava

Teatro Jordão

«O Passarinho da Ribeira»

Na passada segunda-feira, deslocou-se a esta cidade a Companhia do Teatro de «Variedades», de Lisboa, que, no Teatro Jordão, apresentou a opereta em 2 actos e 12 quadros, **O Passarinho da Ribeira**, da autoria de Miguel Orrico e com música dos maestros Jaime Mendes e Carlos Dias, que tanto sucesso obteve nas cidades do Porto e Lisboa.

Das impressões colhidas sobre o que nos ofereceu este espectáculo de *tournee*, hemos de confessar que nos agradou sensivelmente e que, no seu conjunto, a organização artística demonstrou possuir propósitos de seriedade.

Miguel Orrico demonstrou possuir cabal capacidade para este género de teatro musicado e evidenciou conhecimentos extraordinários de técnica teatral.

Embora o tema escolhido seja considerado como pertença da vulgaridade, o certo é que Orrico soube emprestar-lhe sabor regional e desenvolvê-lo de modo a despertar o interesse do público, conseguindo dar-nos um 1.º acto cheio e um 2.º sofrível, com todos os altos e baixos do drama e da comédia.

Na sua obra, há propósitos intencionais de bem dosear a tristeza com a alegria e as figuras que accorrem ao tablado marcam com relevo o sentido das situações propostas.

Merece, pois, Orrico o carinho do entusiasmo público e será só de lamentar que não continue a honrar o nosso teatro com novas obras deste género.

O elenco, como acima se disse, além da sua probidade artística, revelou-se equilibrado.

Lulsa Satanela não esqueceu, ainda, quaisquer das atracções que a fizeram em tempos idos a rainha da opereta e soube compor a sua «Marcolina» com a graciosidade inerente ao seu tipo.

Guilhermina Paiva, na «Senhora Micas», mostrou-se desenvolvida dos velhos preconceitos e revelou-se-nos uma actriz de futuro se paralelo se estabelecer com o feito já por Aura Abranches.

Maria Dely e *Saltiquia Rentini*, desempenhando respectivamente os papéis de «Madelena» e «Quitéria», procuraram defender-se das dificuldades dos seus papéis e fizeram tudo para não destoar do conjunto.

Soares Correia, *Joaquim Pratas*, *Sales Ribeiro*, *Carlos Barros*, *Miguel Orrico* e *Alfredo Pereira* formaram, em concur-

bilidade de Mannel. Este, ao princípio, recusava-as — mas, escarnejado pelos colegas e admoestado pelo patrão, em breve começou a aceitá-las mas sem que jamais deixasse de corar e sentir uma agitação interior. Por que era ele diferente dos outros? Por questões de educação e não de nascimento, de hereditariedade? Sem dúvida alguma que sim.

Não se sentia bem ali... Mas que fazer? Teve uma ideia. Nas horas vagas, aprendeu estenografia, dactilografia e contabilidade. Agora, sim, antevia maior probabilidade de conseguir um lugar sem gorjetas a privirem-lhe as mãos...

Regressaria ao país? Não, ainda não. Foi para o Brasil — ali se empregou como guarda-livros numa fábrica, da qual veio a ser sócio. Sentia-se, finalmente, feliz. Logo que lhe foi possível, veio a Portugal visitar a sua mãe adoptiva — a quem jamais esquecera, facto comprovado com as cartas e cheques que, de quando em vez, lhe mandava desde que a vida lhe sorria de novo...

Também não esqueceu a tia, nem tampouco o bairro insalubre onde nascera, e outros idênticos, para a demolição dos quais lutou estranhamente, fazendo, entretanto, propaganda de bairros económicos, higiénicos e confortáveis, acessíveis aos mais pobres entre os pobres.

O Centenário de Adolfo Coelho

Na evocação da memória do professor Adolfo Coelho, cujo nascimento ocorreu há precisamente um século — homenagem não só um dos mais distintos ornamentos do nosso ensino superior, como também uma das maiores autoridades de filólogo e de pedagogo da nossa História Literária.

A qualidade das ciências que trabalhou, pelas suas características demasiado herméticas, não agradeu naturalmente, ao grande mestre aquela popularidade que aureola outros cultores da língua, dedicados, em especial, à sua expressão literária.

Contudo, para todos quantos — e não são, entretanto, pequena falange — sabem avaliar, pelo conhecimento, o valor das ciências filológicas, este centenário de Adolfo Coelho que a Faculdade de Letras de Lisboa especialmente consagra não passará despercebido do nosso homem de estudo, de todo o português culto que preza a pureza e a defesa do seu próprio idioma.

Da sua obra, vasta e densa de conhecimentos, distinguem-se alguns dos seus trabalhos, extraordinárias contribuições para compreensão e esclarecimento das origens e da riqueza da língua portuguesa. São sobretudo notáveis a sua *Teoria da conjugação em latim e português* — primeira tentativa, segundo a sua própria definição, de metódica aplicação dos princípios de gramática comparada indo-germânica a uma língua românica; a monografia *A Língua Portuguesa* e o seu precioso *Dicionário Etimológico*, obra imorredoura e indispensável de consulta, e expressão também da personalidade inconfundível deste eminente humanista e grande mestre.

Homenageando a memória do professor Adolfo Coelho, não se pratica apenas um belo acto de gratidão; exalta-se, também, o prestígio e a individualidade duma língua que bem merece dos seus mais incultos estudiosos.

DESPEDIDA

Arnaldo Alpoim da Silva Meneses e sua esposa Modesta de Sá Alpoim, ao retirarem de Guimarães, de regresso à cidade da Beira, e por lhes não ter sido possível despedirem-se de todas as pessoas amigas, vêm fazê-lo por esta forma, agradecendo todas as atenções que lhes foram dispensadas na sua permanência nesta cidade e oferecendo-lhes os seus préstimos na cidade da Beira.

Guimarães, 23 de Janeiro de 1948. 707

Arnaldo Alpoim da Silva Meneses.

so, a vertebração artística da Companhia.

Criaram personagens que nos encantaram e souberam exteriorizar os seus extraordinários e excepcionais recursos histriónicos.

A música foi agradável e composta ao jeito popular.

Pena foi que a *tournee* obrigasse à redução dos coros e se visse a cena vasia com tão reduzido número de bailarinos e cantadores.

Para remate final, seremos obrigados a prestar homenagem a Domingos Marques, que, no papel de «Carlos», pôde suprir com a suavidade da sua excelente voz as imperfeições da sua arte de representar, tão aligeirada mas difícil, brincando-o com as honrarias da noite.

L. G.

A ESTRUTURA MORAL da Humanidade depois da Guerra

RESSURGIR é a palavra mágica envolvendo as aspirações duma nova raça de materialistas que sufoca a expansibilidade do espírito com o desenvolvimento progressivo das mãos, impondo ao cérebro concepções maquiavélicas, onde o grito estridente da civilização se confunde com o rugido tenebroso da morte.

A Humanidade pervertida pelas teorias mecanizadas dos pensadores atómicos, entrou definitivamente, depois da guerra, num período de lamentável decadência. O liberalismo anárquico, a expansão crescente do individualismo, o desejo inconsciente de bem estar, mesmo à custa de todos os atropelos e maquinações, fizeram da ideologia repousante da vida, um mar tormentoso de interrogações dolorosas e profundas.

O egoísmo, batido pelas chicotadas vibrantes do sofrimento, intronizou-se nas almas inconsistentes, imperando como rei cruel e despótico. As lágrimas ardentes da desventura gelaram nos olhos embotados, à força de contemplarem sempre o mesmo espectáculo de feroz deshumanidade.

A ansiedade imoderada de atingir uma técnica perfeita, destruiu a elite cultural de cada povo, que correspondia à verdadeira espiritualidade e bem assim à realidade orgânica. Civilização, quer dizer, neste caso, decadência porque se converteu num êxtase. As almas arrefecidas pela materialidade dos pensamentos, permanecem indiferentes a todas as manifestações de beleza.

O homem conseguiu fazer da vida do espírito um peso permanente, cuja acção consoladora lhe daria a maviandade expansiva, esbatendo-lhe as tendências mecanicamente prosaicas.

Surgem, porém, como plantas benéficas na terra inculta, almas de superior quilate, inabaláveis nas suas crenças, poderosas na estrutura moral, intangíveis à derrocada desastrosa de ideologia e de sentimentos. O abade de Baçal, que foi a enterrar, levava no seu humilde esquife de poucos palmas, o segredo fantástico da sua organização psicológica. Depositário duma cultura vulgar e duma bondade excelsa, desprezava os prazeres materiais da vida, dando com o seu nobre exemplo de isenção máxima, o sublime resgate duma geração de pecadores obstinados e conscientes.

Perdido numa aldeia transmontana, vivia intensamente a vida espiritual, repartindo pelos pobres quase tão pobres como ele, o dinheiro que considerava prescindível à sua ambição de sublimar com o seu talento privilegiado a Pátria amada.

Outro exemplo aparece, espontâneo e salutar, dignificando a nobreza dos sentimentos, a redentora lei de Deus: O Padre Américo, na santa cruzada de erguer da lama as almas em perigo, recolhe as crianças abandonadas lançando-lhes nos espíritos hesitantes a verdadeira concepção do Bem. Na formosa Quinta do Paço de Sousa, emoldurada no ambiente lendário da velha e tradicional Coimbra, mantém carinhosamente 400 rapazes, futuros homens de amanhã. Gozando da maior liberdade sob o lema — nem grades nem prisão — nunca se afastam da palavra bondosa e convincente do reverendo sacerdote, que em termos despretenhosos e simples lhes mostra o caminho seguro da Fé e do ressurgimento.

Nesta confusão atrabilária de ideias e costumes, de racio-

O CASO da Moagem

A propósito da resolução tomada superiormente sobre o tão debatido caso da Moagem — assunto que foi largamente tratado, desde início, pelo *Notícias de Guimarães* — vamos arquivar hoje o texto dos telegramas que diversas entidades acabam de dirigir a S. Ex.^{as} os Senhores Ministro da Economia e Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria:

Senhor Ministro da Economia — Lisboa.

Juntas Freguesia cidade Guimarães interpretando sentir vimaranense vêm manifestar Vossa Excelência seu reconhecimento com a concessão estabelecimento fábrica moagem em substituição actual.

Excellentíssimo Sub-Secretário Estado do Comércio Indústria — Lisboa.

Juntas Freguesia cidade Guimarães cumprem seu dever testemunhando reconhecimento a Vossa Excelência solução dada caso moagem.

Presidente — (aa) João Mendes Fernandes, Manuel Freitas Guimarães, Assis Pereira Mendes.

Excellentíssimo Sub-Secretário Estado do Comércio Indústria — Lisboa.

Comissão Concelhia União Nacional vem manifestar seu reconhecimento pela mercê concedida Guimarães nova unidade moagem acto político satisfação justos interesses desta terra.

Presidente — (a) João Rocha dos Santos.

Excellentíssimo Sub-Secretário Estado do Comércio Indústria — Lisboa.

Comissão Concelhia União Nacional testemunha seu reconhecimento a Vossa Excelência pela solução dada assunto moagem magno interesse para este concelho.

Presidente — (a) João Rocha dos Santos.

Senhor Ministro da Economia — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães vem manifestar a Vossa Excelência sua grande satisfação concessão feita montagem nova unidade moagem de tanto interesse nosso concelho.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

Senhor Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria — Lisboa.

Grémio Comércio Guimarães testemunha a Vossa Excelência sua grande satisfação espírito conciliador que orientou solução dada caso moagem em que satisfaz os desejos vimaranenses.

Presidente da Direcção — (a) Casimiro Martins Fernandes.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 26, a sr.^a D. Maria Emília Mota Pego de Faria, esposa do nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria e o também nosso prezado amigo e importante industrial sr. Belmiro Mendes de Oliveira; no dia 27, os nossos prezados amigos srs. Dr. José Pinto Rodrigues, talentoso advogado, José Jacinto J. Or, importante industrial e Acúrcio das Neves Saraiva; no dia 28, a interessante menina Maria Tereza, filha do nosso prezado amigo sr. Dr. Mário Dias de Castro e a sr.^a D. Tereza Luísa de Freitas Marques Pinto Madureira; no dia 29, a interessante menina Olga Pizarro de Almeida, gentil filha da sr.^a Dr.^a Angélica Pizarro de Almeida e netinha do nosso querido Amigo sr. Dr. Eduardo de Almeida e o nosso bom amigo sr. António Luís de Araújo Dantas, residente em V. N. de Gaia; no dia 30, a sr.^a D. Maria Guilhermina de Freitas Lima, gentil filha do nosso prezado amigo e importante industrial em Lordelo, sr. Arminho de Freitas Lima e os nossos bons amigos srs. Constantino da Costa Lameiras e João Eduardo Alves de Lemos, residente em Estremoz; no dia 31, os nossos bons amigos srs. José da Silva Gonçalves, Paulo Machado da Silva e Manuel Edgar de Castro Guise, João António Sampaio e José Maria dos Santos Fonseca; as sr.^{as} D. Zulmira Pereira de Freitas Pires, esposa do nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira e D. Kora da Purificação de Quadros Flores de Magalhães, esposa do também nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. Paulino Magalhães e o interessante menino Rodrigo, filhinho do nosso bom amigo sr. Francisco Lage Jordão.

"Notícias de Guimarães", apresenta a todas as senhoras e cavalheiros os seus melhores cumprimentos de felicitações.

Defuntas

Continua melhor dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Tem passado bastante incómodo o nosso prezado amigo sr. José Teixeira dos Santos.

— A convalescer de uma grave enfermidade tem estado nesta cidade o nosso estimado confrater sr. António Pereira de Freitas, que reside em Lisboa.

— Continua melhor dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. Dr. Guilhermino Rodrigues.

— Já se encontra quase restabelecido o nosso prezado amigo sr. António de Almeida.

— Encontra-se doente o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alfredo Pezoto.

— Também tem passado muito doente o nosso estimado amigo sr. Francisco Martins.

— Esteve doente encontrando-se já quase completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

A todos os doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Partidas e chegadas

Após uma temporada passada entre nós, partiu para Lisboa, de onde em breve regressará a S. Paulo (Brasil), o nosso estimado confrater e amigo sr. Pedro Paulo de Castro Garcia, que veio apresentar-nos as suas despedidas e a quem desejamos feliz viagem e muitas prosperidades.

— Esteve em Guimarães, tendo regressado a Lisboa, no "Dokoto", da carreira, o distinto escritor e nosso prezado colaborador sr. Dr. Correia da Costa.

— Em viagem comercial da Casa Alberto Pimenta Machado, partiu para os Açores o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos, a quem desejamos muitas prosperidades.

— Esteve entre nós o nosso prezado confrater e amigo sr. Pedro Pereira de Freitas.

— Com sua esposa regressa dentro de poucos dias à Cidade da Beira o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses, que há meses se encontrava em Guimarães, e que teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida. Agradecendo-os, desejamos-lhe e a sua esposa uma feliz viagem e as maiores prosperidades.

— Tem estado entre nós o nosso amigo sr. Izidro José Dias Pinto, de Portalegre.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da Rainha.

Inspector do Ensino

Em serviço de Inspeção do Ensino Primário Oficial esteve nesta cidade o Inspector Sr. Custódio Leite da Costa.

Pela Polícia

Maria da Conceição da Silva, solteira, servicial, da Rua de D. João I,

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Apresenta:

JEAN MARAIS e JOSETTE DAY, em:

A BELA E O MONSTRO

Quarta-feira, 28, às 21 horas:

O FILME PORTUGUÊS:

TRÊS DIAS SEM DEUS

Sexta-feira, 30, às 21 horas:

A DÁLIA AZUL

Um drama de mistério, com:

ALLAN LADD, VERÓNICA LAKE, WILLIAM BENDIX e HOWARD DA SILVA.

Batatas de Semente

ESTRANGEIRAS — CERTIFICADAS

Para se obter boa produção, é necessário lançar à terra BOA SEMENTE e BOM ADUBO.

Não tenham ilusões! — Utilizando batatas não certificadas, não podem ter boa colheita!

Acabam de chegar batatas de semente, certificadas pelos Serviços Fitopatológicos, das seguintes variedades:

BINTJE --- EIGENHEIMER --- UP-TO-DATE e ALMA BÓNUS AOS REVENDEDORES

Pedidos aos importadores directos:

Sociedade dos Adubos Labor, L. da

Rua do Loureiro, 70 --- PORTO

TELEFONE, 21792

756

Tem fábrica própria de adubos para BATATAS, VINHA, OLIVEIRAS e demais culturas

desta cidade, queixou-se à Polícia contra Helena Almeida, solteira, modista, de Vizela, por esta se recusar a entregar-lhe um fio de ouro, uma aliança e uma medalha, no valor de 480.000, que a queixosa lhe deixara como garantia por lhe ter pedido um empréstimo de 200.000, quantia esta que lhe restituíu.

— A P. S. P. enviou ao Tribunal os processos relativos a Gaspar Antunes, o «Laró», desta cidade, e José Fernandes, da freguesia de Aíães, aquele por uso ilegal de um revólver e este por fabrico clandestino de uma espingarda.

— Na esquadra Policial foram depositadas duas chaves de trinque, com as iniciais S. F. L. n.º 3117, encontradas no Largo do Tournal e que serão entregues a quem provar pertencerem-lhe.

Sorteio

A Direcção da J. E. C. F. participa que a rifa a favor da A. L. foi sorteada no n.º 375. Quem for portador desse número pode fazer a sua entrega na redacção deste jornal para lhe ser entregue o prémio.

P.^a António Melo

Foi nomeado coadjutor da Matriz de Viana do Castelo, o Rev. António Alexandre de Melo, nosso estimado confrater.

Acidentes

Quando o menor de 10 anos João Soares, filho do motorista Francisco Soares, se entretinha na Avenida Conde de Margaride, com o jogo da bola, esta ultrapassou um muro.

Ao tentar rehava-lhe a quele menor caiu sobre um ferro que lhe perfurou o abdomen, pelo que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia, onde ficou internado.

— No Largo 1.º Maio foi mordido na região frontal por uma mula, o menor de 11 anos Manuel da Silva, cateleiro. Foi socorrido num Posto de Socorros.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

João de Freitas

Finou-se, há dias, o Sr. João de Freitas, antigo mestre de obras, irmão do também estimado mestre de obras e nosso prezado amigo Sr. Sebastião de Freitas, tendo-se realizado o seu funeral, na segunda-feira, do templo da Oliveira para o Cemitério Municipal. No préstito incorporaram-se muitas pessoas das

relações do extinto e da família e um piquete de Bombeiros Voluntários.

A família dorida, especialmente ao Sr. Sebastião de Freitas, apresentamos condolências.

João Cardoso de Castro

Na freguesia de Santa Marinha da Costa, finou-se, com 62 anos, o proprietário Sr. João Cardoso de Castro, casado com a Sr.^a D. Maria Mendes e pai dos comerciantes Srs. Manuel de Castro e José Mendes de Castro, tendo-se realizado o seu funeral no passado dia 22.

Vida Católica

Festa de S. Sebastião, em S. Dâmaso — Decorreu com muito brilho a festividade em honra do Mártir S. Sebastião que no passado dia 20 se realizou na forma dos demais anos, no templo de S. Dâmaso.

O templo, que ostentava uma luxuosa decoração, pertencente aos armadores Srs. Eugénio & Novais, registou durante todo o dia afluência de muitos fiéis, tendo-se procedido, de manhã, à distribuição de 200 boroas de pão aos pobres, legado instituído pelo benemérito Sr. José António Fernandes Guimarães.

A festividade da tarde começou às 18 horas, tendo feito, com muita eloquência, o panegírico do Santo, o ilustrado Abade de S. Pedro da Raimonda e talentoso orador sacro Rev. Dr. Francisco de Melo, que teve a escutá-lo um auditório numeroso e selecto.

No coro fez-se ouvir, durante os actos, um grupo coral com acompanhamento a orquestra, composta por elementos desta cidade e do Porto.

Cadela Perdigueira

Encontrou-se e entrega-se a quem provar pertencer-lhe, pagando as respectivas despesas de alimentação e anúncio.

R. da Liberdade, 11. 758

Vende-se

Uma encaretadeira de 60 fusos. Informa-se na nossa Redacção.

710

Georgina C. dos Santos.

Trabalhadores Proprietários

Dois factores de ordem económico-social — maior produção e amparo a famílias pobres — levaram o Governo a promulgar uma série de diplomas tendentes ao aproveitamento de todo o solo nacional e à protecção do maior número possível de famílias. Dessa forma, muitos hectares de terreno se transformaram, de baldios serranos ou arenosos em terras produtivas, como as de Martim Rei e de Aguçadoura, e proporcionam vida economicamente independente a várias famílias, valorizando, simultaneamente, a terra e o povo de Portugal.

Essa obra, orientada pela Junta de Colonização Interna, tem fixado populações, desenvolvido culturas, aperfeiçoado técnicas, etc., e não pode ser olha como experiência mas como facto de inegável alcance económico-social.

Um decreto recente regulamentou mais amplamente a matéria de aproveitamento dos baldios para sua mais completa utilização e fixação do maior número de famílias que neles possam instalar-se. Por esse regulamento a acção da Junta alarga-se dos baldios aos terrenos adquiridos ou que lhe forem entregues pelo Estado, destinando-os a Junta a casais agrícolas, à distribuição em glebas, a logradouro comum ou distribuindo-as às casas do Povo ou autarquias locais. Cada casal agrícola será formado por casa de habitação e terrenos para a produção suficiente à manutenção da família, e ficará constituindo unidade económica, perpétua, inalienável, indivisível e impenhorável. Beneficia do regime de comunhão de bens do casal, está isento das contribuições predial, de sisa e sucessória, durante 8 anos.

Os chefes de família com menos de 30 anos, carecidos de meios para ocorrer às despesas do seu agregado, de preferência naturais da região dos baldios e com idoneidade moral e profissional, encontram nesses casais um objectivo de vida útil a si e ao País, que não seria possível encontrar na orgânica anterior ao Estado Novo — época em que se dava preferência às coisas estrangeiras e se deixavam escoar pela imigração muitos braços necessários ao integral aproveitamento da riqueza nacional. O valor do casal será suavemente pago, a Junta facultará aos colonos dinheiro para as alfaias e gados (sem juros) e para aquilo que lhe for essencial (ao juro de 2 por cento e a amortizar em 20 anos).

Outra modalidade é a das glebas, agrícolas, florestais ou mixtas — de regime semelhante a dos casais. E quando a gleba não for aconselhável optar-se-á pelo regime de logradouro comum.

Finalmente, os terrenos podem ser atribuídos às Casas do Povo ou autarquias locais que procederão, pelo menos, ao seu imediato povoamento florestal.

Cada núcleo populacional dispõe de assistência e orientação técnica gratuitas (escolas ou postos de ensino, serviços clínicos e profiláticos, assistência social, etc.). E aos descendentes colonos é dada a preferência para a constituição de núcleos de colonização no ultramar. Da gota ideal de há uns dez anos, se fez um caudal. Bela lição, para portugueses e para todos quantos se interessam pelo aproveitamento da riqueza e pela melhoria das condições da vida do povo. Os casais agrícolas são um grande exemplo de uma política que promete uma obra

PORTUGUESES da CALIFÓRNIA em peregrinação a FATIMA

A Fé dos seus maiores é, porventura, um dos mais fortes elos espirituais que ligam os portugueses espalhados pelo Mundo à Mãe-Pátria.

Ainda, ultimamente, se registou o gesto dos portugueses de Gloucester, no estado de Massachusetts, ao pedirem para a sua igreja uma imagem de Nossa Senhora do Bom Caminho, feita em Portugal.

De S. Francisco da Califórnia chega-nos agora, uma notícia que nos é grato registar. A Sociedade Portuguesa da Rainha Santa Isabel, promoveu, entre os portugueses residentes na Califórnia, uma peregrinação a Coimbra e a Fátima, na próxima primavera. O número de inscrições elevou-se, já, a mais de seiscentas. Parece, todavia, que a peregrinação poderá vir a ser prejudicada por falta de barcos que garantam a ida e a volta de tão elevado número de peregrinos.

Se não for possível fretar um barco especialmente para a peregrinação, o número de peregrinos será, pela força das circunstâncias, reduzido a 150 ou 200, que viajarão de avião, quer de Nova Iorque para Lisboa, quer no regresso.

Estatística de Moçambique

COMÉRCIO com a Metrópole

De Janeiro a Setembro de 1946 Moçambique exportou para a Metrópole 246 toneladas de coiros e peles, 26 348 toneladas de algodão em rama, 1.701 toneladas de sisal, 9.621 toneladas de amendoim, 2.488 toneladas de copra, 761 toneladas de mafurra, 447 toneladas de feijão, 39 938 toneladas de açúcar amarelo, 1.617 toneladas de açúcar branco, 191 toneladas de chá e 203 toneladas de óleos vegetais para alimentação.

Importações da Metrópole — No mesmo período Moçambique importou da Metrópole 247 toneladas de madeira em bruto, 28 toneladas de tecidos de lã, 9 596 quilos de tecidos de seda, 201 toneladas de tecidos de algodão, brancos ou branqueados, em peça, 25.371 quilos de tecidos de algodão, brancos ou branqueados em obra, 1.777 toneladas de tecidos de algodão tintos e estampados em peça, 309 toneladas de tecidos de algodão, tintos e estampados, em obra, 109.082 litros de aguardente, 6.842.545 litros de vinhos comuns, 176 460 quilos de peixe, 29.267 quilos de frutas e 52.194 pares de calçado.

CALENDÁRIOS

Recebemos da Companhia de Seguros *A Mundial*, por intermédio do seu Agente em Urges, o nosso bom amigo Sr. José Teixeira, uma útil Agenda para o corrente ano, o que agradecemos.

— Do Sr. João Neves Sequeira, de S. to António das Areias, recebemos 2 calendários para o ano de 1948, de reclame aos pimentões Flor do Pereiro e ao papel de fumar Sem Fim. Agradecemos.

Garrafas Vazias VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29, com Mário Sampaio — GUIMARÃES.

— e que a realiza em muitas zonas do País, já hoje com os melhores resultados.

EDITAL

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia e Hospital de São Marcos de Braga, devidamente autorizada, no dia 8 de Fevereiro próximo, por 11 horas, na Secretaria da Santa Casa, sita no Largo Engenheiro Carlos Amarante, desta cidade, vende por licitação verbal, os seguintes prédios:

No Concelho de Guimarães

Uma propriedade sita na freguesia de São Tiago de Cadoso, concelho de Guimarães, composta do seguinte:

Assento da Quinta denominada do Pedral, situada na freguesia de São Tiago de Cadoso, e que consta de casas sobradadas, e térreas, cortes, lagar, eidos, alpendre e eira, casas térreas com hortas, casa nova com lagar, leira de Trás das Cortes e Olival, leira da Figueira, leira da Cerdeira, três leiras abaixo da Cerdeira, Campo do Pocinho, sortes de mato e pinhal, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.766.

Prédio rústico situado na dita freguesia, e que consta de de Campo de Baixo da Estrada, leira da Terra Nova, Campo das Chãos, Campo do Ribeiro, e leiras, leira do Lameiro Chã e sortes de mato, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.767.

Sorte de mato denominada do Monte, na dita freguesia, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.768.

Assento da Quinta denominada do Bem da Velha, sita na dita freguesia, e que consta de casas sobradadas com escada de pedra, lojas, lagar e cozinha térrea, casas sobradadas e quintais, casas sobradadas e térreas, corte, eidos, alpendre, eira, portal de pedra, Campo da Eira, Campo do Garém e roço contíguo, Campo do Lameiro da Fonte da Chã, Campo do Loureiro ou Nogueiras, Campo Grande ou Linhares, Campo Cávado e três leiras contíguas, e o Pevidal ou Codeçal, tudo junto e circuito de parede, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.769.

Campo do Olival de Cima da Estrada, da Bouça Grande e mata, e das sortes dos Caleiros ou Cales e de diversas leiras, tudo junto, na dita freguesia, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.770.

Deveza de Santo Amaro, terra inculca, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.771.

Três casas térreas com hortas, no lugar de Santo Amaro, na freguesia dita, descritas na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.772.

Uma deveza e terras contíguas ao Pé do Pevidal, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.773.

Assento da Quinta do Vilar, na freguesia dita, que consta de casas sobradadas, lagar, cortes, eido, alpendre e eira, Campo da Vessada, Campo da Eira do Meio, Campo da Eira de Cima, Leira de Cima e Lameiro, Leira Comprida ou da Cerdeira, as hortas junto às casas e um roço junto à entrada do eido, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.774.

Propriedade do Babelo, pertença da Quinta do Vilar, na freguesia dita, que consta de casas térreas, hortas, campo da Bouça e Pinhal, descritas na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.775.

Leira do Souto ou Redondo, bouça da Vinha Nova, Leira da Vinha Nova de Cima ou da Veiga, Leira da Vinha Nova de Baixo ou da Veiga, Campo da Maneira do Talho e Campo da Lameira, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.776.

Bouça de Serzedelo, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.777.

Sorte do Monte das Cruzes, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.778.

Sorte do Monte das Cruzes, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.779.

Casal de Santo Amaro, na freguesia dita, que se compõe de casas de um andar e térreas, cortes, lagar, eido, alpendre, eira, um olival, horta ao pé da Eira, Campo de Cima e sorte contígua, Campo da Chã e leira contígua, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.780.

Bouça Grande do Monte, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.781.

Campo do Talho, na freguesia dita, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.782.

Leira de Cima e Redondo, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.783.

Propriedade das Veigas de Santo Amaro de Fora, na freguesia dita, composta de três campos de terra de cultura e de terreno de mato, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.784.

Estes prédios estão inscritos na matriz predial da mencionada freguesia de Cadoso sob os seguintes artigos: Da Matriz Urbana: 129-31-32-33-38-54-55-56 e 58. Da Matriz Rústica: 225 a-232-244-a-270-274-a-295-299-a-310-321-322-327-a-338-344-349 353-355-371-373-377-378.

CONDIÇÕES DE VENDA:

A Mesa reserva o direito de não adjudicar qualquer dos prédios, caso não convenha o maior preço oferecido, preços que serão apreciados em sessão extraordinária a realizar nesse dia logo a seguir à licitação.

Finda a sessão e aceites os preços oferecidos, será logo comunicado aos interessados presentes, o resultado, adjudicando-se aos arrematantes os prédios, mediante o depósito de 10 % do preço da arrematação a fazer no próprio acto.

Esta adjudicação, que ficará exarada em acta, vale como contrato de promessa de compra e venda, em relação a cada prédio, e como sinal e princípio de pagamento é considerado o depósito de 10 %.

A escritura definitiva será feita na Secretaria Notarial,

O PROGRESSO da Rádio em PORTUGAL

É bem certo que o progresso de Portugal não se limita, apenas, às realizações do fomento.

Todos os sectores da vida nacional trabalham, no mesmo ritmo e acompanham, no mesmo passo, a renovação que nos levou ao ambiente que, presentemente, se sente no nosso País.

Apenas nos referiremos, no caso pertinente, à Emissora Nacional de Radiodifusão. É notável a acção, que, no campo da cultura, aquele organismo do Estado tem desenvolvido, com as suas orquestras, os seus artistas, seus programas radiofónicos e, até, na colaboração que presta à F.N.A.T., nos serões para trabalhadores.

Se a sua função cultural é plenamente realizada, não devemos esquecer, todavia, o desenvolvimento técnico da nossa primeira estação emissora.

Mais do que as palavras, para provar aquele desenvolvimento, basta expor a experiência, interessantíssima, que os serviços técnicos da E. N. vão tentar, dentro de dias.

Trata-se da transmissão e captação, pela primeira vez levada a efeito no nosso País, de *fac-similes*, isto é, de imagens paradas. A base preparatória da experiência encontra-se praticamente concluída, faltando, apenas, afinar os últimos pormenores para tentar a curiosa transmissão.

VENDE-SE

Cota de Fábrica de Tecidos, em laboração, no Concelho de Guimarães. Informa-se nesta redacção 743

Agradecimento

A família do inesquecível José de Sousa Roriz, na impossibilidade de poder agradecer por outro meio a todas as ilustres pessoas, instituições de caridade, associações, imprensa, etc., que se dignaram assistir ao funeral e outros actos fúnebres, vem muito reconhecida e gratamente manifestar o seu agradecimento por tantas provas de estima. Por qualquer falta cometida, aliás involuntária, pede desculpa.

Guimarães, 22 de Janeiro de 1948.

A FAMÍLIA.

Associação Artística

Recebemos o seguinte officio:

... Senhor Director do Jornal «Notícias de Guimarães» — GUIMARÃES.

A Direcção desta Colectividade, em sua primeira reunião, resolveu apresentar a V. ... os seus cumprimentos, agradecendo a preciosa colaboração que possa ser emprestada pelo vosso conceituado jornal.

Acerte, pois, os nossos sinceros e afectuosos cumprimentos.

SAÚDE E MUTUALISMO.

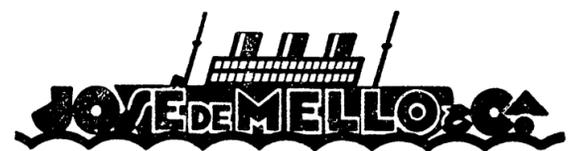
O Presidente da Direcção,

a) Carlos Pinto Leite.

Agradecendo a atenção recebida desejamos à nova Direcção da Associação Artística Vimaranesense as maiores prosperidades.

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS



Casa fundada em 1892

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 21078 e 21074 e Estado 57

CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Total, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

desta comarca, no prazo de 15 dias, a contar do dia da adjudicação dos prédios, devendo os arrematantes, dentro deste prazo, entrarem com o restante preço da arrematação, na Tesouraria da Santa Casa, assim como o pagamento, por inteiro, da sisa na respectiva Tesouraria de Finanças, no prazo estipulado.

Braga, 12 de Janeiro de 1948.

753

O SECRETÁRIO, SERVINDO DE PROVIDOR,

Francisco António da Cruz.